

MASCULINIDADES EM JÓ

Luiz José Dietrich

O jeito de ser homem, ou no plural, os jeitos de ser homem, são historicamente constituídos no conjunto das relações que conformam o mundo onde a gente nasce. Papel fundamental têm as relações entre mulheres e homens, entre mulheres e mulheres e entre homens e homens. Desde a concepção são essas relações que fazem o ninho onde é engendrada a pessoa.

Assim como o ser das pessoas depende das relações, as próprias relações também dependem das formações sociais dentro das quais acontecem. Somos todos formados e formadas dentro de um grande emaranhado de relações e inter-relações, onde se cruzam e se fertilizam mutuamente, se repelem ou se mesclam, muitas variáveis. Variáveis econômicas, políticas e sociais, atravessadas por variáveis ecológicas, espirituais, afetivas, familiares, culturais resultam num grande caldo responsável por configurar as infinitas formas de ser, de viver e de crer.

Muitas das formas de viver que brotam mundo afora acabam sendo erigidas em modelos ou tipos, apresentados à coletividade como sendo a forma certa de viver, como ideais a serem alcançados. Esses modelos ou tipos, além de serem divulgados e reproduzidos na prática, nos costumes, comportamentos, estimulados com elogios, valorização e premiações, ou desencorajados com castigos, repressões e marginalização, são também apresentados em narrativas e histórias que podem ser facilmente assimiladas. Entre esses veículos, e ocupando um lugar de fundamental importância no ocidente, está a Bíblia.

Tal como em outras obras literárias produzidas em nossa história e em nossa sociedade, a Bíblia nos apresenta muitos modelos de relações sexistas, mas também alguns modelos de pessoas com relações que podemos entender como libertadoras.

Dentre a enorme quantidade de personagens bíblicos procuraremos, numa abordagem ainda tateante, do livro de Jó, apontar pistas para descobrirmos nele as diferentes possibilidades de viver a masculinidade apresentadas.

O livro de Jó

No livro de Jó podem ser encontradas pelo menos três grandes camadas: A primeira é a camada estruturada pelo texto em prosa, que forma como que a moldura do livro de Jó, uma vez que abre o livro (1,1-2,10) e fecha o livro (42,12-17). Esta é sem dúvida a parte mais conhecida do livro de Jó. É a narrativa que leva o senso comum a apresentar Jó como um homem de grande paciência e fidelidade a Deus. Capaz de suportar tudo e não renegar a sua fé e sua esperança em uma ação futura e compensatória de Deus. A maior parte do livro (a segunda camada), porém, está em forma de poesia,

toda escrita em versos. Enquanto a primeira parte ocupa somente 2 capítulos, a parte em poesia ocupa praticamente a totalidade dos outros 40 capítulos. Na parte poética ouvimos a voz, ou melhor, os gritos de Jó rebelde que encara a tudo e a todos, aos quais claramente se contrapõem os discursos de outros três personagens. É possível assim abordar a parte poética como se fossem dois blocos, e aglutinar em um deles as falas de Jó e no outro os discursos dos seus oponentes. Inserida na poesia há também um discurso sobre a sabedoria personificada (cap. 28) e a introdução de um novo personagem, que mesmo sem ser apresentado ou considerado no final, debate com Jó e deixa-nos o seu longo discurso (Eliú, cap. 32-37). Estas duas últimas partes podem ser consideradas como sendo uma terceira camada, já que provavelmente foram colocadas no livro por outras mãos e em data mais recente.

A moldura que molda o quadro

É possível que a parte em prosa seja a parte mais antiga do livro. E como as duas partes (Jó 1,1-2,10 + 42,12-17) formam uma unidade narrativa completa, deve ter circulado como uma história e autônoma ainda no período anterior à dominação babilônica em Israel. E como tal carrega dentro de si, além de modelos de piedade também modelos de comportamentos.

A imagem de homem apresentada nesse bloco narrativo é a de um rico *sheik* árabe do deserto: “era um homem íntegro e reto, que temia a Deus e se afastava do mal. Nasceram-lhe sete filhos e três filhas. Possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de bois, quinhentas mulas e servos em grande número, era pois o mais rico de todos os homens do oriente” (Jo 1,1-2).

Primeiro é preciso notar que aparecem muitas hierarquias. Hierarquias denotam importância, poder, valores, autoridade. O mais alto apresenta-se como ideal, como modelo. Ali, em primeiro lugar, está Jó, o pai. Ele é o único a ter nome. Além dele, somente Javé é mencionado pelo nome. Também o satã desempenha papel importante na história, mas satã, no período anterior ao exílio, designa mais a função de um adversário, um advogado de acusação, do que um nome próprio (2Sm 23,19; 1Rs 5,18; 11,14.23.25; Sl 109,6). Em segundo lugar, vêm os “filhos”, depois as “filhas”, seguidas das “ovelhas, camelos, bois e mulas”. E o último lugar na descrição é reservado aos “servos em grande número”. É assim uma organização patriarcal típica. O que também se reforça pelo fato de a mãe nem sequer ser mencionada. Existem filhos e filhas mas não há mãe. A “mulher” de Jó só será citada mais abaixo (2,9), numa situação diferente, sem relação com seus filhos e filhas, e sem posição de destaque, antes pelo contrário, como veremos mais adiante. O protagonismo no texto é todo masculino. Os “filhos” celebravam “banquetes” em suas casas e convidavam as “suas três irmãs”. A dentro filhos e filhas a precedência é do “filho” mais velho, que é o filho herdeiro. Terminados os dias de festa, Jó os mandava chamar para purificá-los, e atuando como sacerdote, como no tempo dos patriarcas – o que pode atestar a antigüidade da narrativa – Jó oferecia holocaustos por seus filhos. Pode ser que a palavra filhos incluía também as filhas, de modo sexista universalizante, como certa-

mente acontece com a palavra servos, na descrição das posses de Jó. Mas pode ser que se refira somente aos filhos homens.

A imagem masculina aqui é marcada pelo poder e pelo ter. Jó é aqui antes de tudo um rico proprietário: possui família, bens e escravos. É o homem macho, pai, vitorioso e provedor. Ele põe e dispõe. Ele faz e desfaz. Nele não há sinal de afetividade. Há somente uma preocupação com sua honra, com sua imagem e o medo do castigo de Javé. Mesmo quando perde todos filhos e filhas, não verte uma lágrima sequer. Há gestos rituais de luto e dor – “rasgou seu manto, rapou sua cabeça, caiu por terra, inclinou-se no chão” – mas não há lágrimas. A preocupação maior parece ser com a perda de bens: “nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá. Javé o deu Javé o tirou” (1,20-21).

Também o mundo celestial apresentado na narrativa é um mundo masculino. O protagonismo é todo masculino. Na corte divina figuram somente personagens masculinos, além de Javé circulam os filhos de Deus, e entre eles, está satã. Em Javé também não há sinal de afetividade, de sensibilidade. É ele que dá e quem tira. Como Jó, ele põe e dispõe. Faz e desfaz. Só que ele tem muito mais poder. Este Javé precisa ser temido. Não somente temido mas, apesar de tudo, precisa ser bendito (1,21). Maldizê-lo significa morrer (2,9).

Nessa corte divina e masculina, os personagens dão-se a joguinhos de poder. De um lado está esse Javé sem coração e de outro o *satã*. E Jó, como uma peça num tabuleiro, está no meio do jogo. Só para ver até onde vai a submissão de Jó, Javé aceita medir seu poder com *satã*. A primeira parte da aposta não atinge Jó diretamente, mas inclui muitas mortes: animais são saqueados, os servos são passados *ao fio da espada*, os pastores são devorados pelo *fogo de Deus que caiu do céu*, os filhos e as filhas morrem na casa do irmão mais velho, que *desabou sobre os jovens matando-os* (1,13-19). Porém na segunda parte da aposta Jó sofrerá em sua própria carne. *Satã*, lança o desafio a Javé: *Estende a mão fere-o na carne e nos ossos; eu te garanto que lançará maldições em teu rosto*. Aqui há também uma ambigüidade no texto: quem atinge Jó, é *satã*, ou o próprio Javé? Ora parece ser *satã* (1,12; 2,7) e ora parece ser Javé (1,11; 2,5.10). Em todo caso não há diferença entre Javé e *satã*. Para eles o que vale mesmo é a afirmação de seu ponto de vista, de seu poder. No joguinho deles pessoas ou animais podem morrer, ou sofrer muito, mas nenhum deles parece se importar com isso. Não demonstram nenhuma sensibilidade diante do sofrimento ou da morte. Eles parecem, de longe, observar a seqüência de calamidades, impassíveis, torcem somente por sua vitória sobre seu oponente.

Diferente deles é a mulher. Quando Jó está no fundo do poço, coberto de “chagas malignas desde a planta dos pés até ao cume da cabeça, sentado no meio das cinzas, coçando-se com um caco de cerâmica” (2,7-8) a mulher de Jó, que finalmente é citada no texto, parece não agüentar de tanto sofrimento, e explode num misto de dor e de raiva, quer fazer alguma coisa para abreviar a dor de seu marido e diz: “amaldiçoa a Deus e morre” (2,9)! Por sentir compaixão do marido ela ousou interferir na brincadeira masculina. Mas sua tentativa não é valorizada, nem sequer é considerada: “falas como uma idiota” (2,10)!

Aqui de fato devemos perceber que os versos 1,6-22 possuem uma estrutura que se encontra praticamente repetida, elemento a elemento, em 2,1-10. O começo e o final de ambas as partes são idênticos e a ordem da narrativa, como a seqüência dos temas, são iguais. A única coisa que quebra a estrutura e não tem correspondência é a intromissão da mulher, que ocorre na segunda parte e não ocorre na primeira. Por isso é bem possível que a mulher de Jó e sua intervenção na trama tenham sido inseridas posteriormente na história. Exatamente com o intuito de desqualificar a fala, o conselho feminino, no período do pós-exílio, quando as mulheres tiveram seus espaços de ação sócio-políticos e religiosos muito restringidos e seu corpo estreitamente controlado pela legislação. As mulheres foram culpabilizadas pela maior parte dos males que atingiam as famílias; praticamente já eram culpadas só pelo fato de serem mulheres (Lv 12; 15,19-30 e veja também Eclo 25,24). Procuravam dessa forma abafar o grito de resistência das mulheres (Ne 5,1).

O protesto, a não aceitação dos sofrimentos é contra a teologia da retribuição. Deviam ficar calados, agir como o Jó da narrativa em prosa, e esperar que Deus restaurasse sua situação. Protestar contra a injustiça era, aos olhos da teologia oficial, como não confiar na justiça de Deus, era ser rebelde e não aceitar o plano de Deus, era o mesmo que amaldiçoar a Deus. Por isso a imagem da mulher de Jó é inserida posteriormente na narrativa com um comportamento muito negativo. Essa imagem tem por objetivo difamar a mulher que se sensibiliza com o sofrimento e protesta.

O quadro escapa da moldura

Na parte poética do livro, nos discursos dos oponentes de Jó, pode-se encontrar mais ou menos esta mesma compreensão de Deus e também do ser homem. O homem abençoado por Deus é o homem rico e poderoso, o provedor da casa, com muitos filhos e posses. O sinal do castigo de Deus a um homem seria exatamente a sua incapacidade de socorrer e defender seus filhos, a perda de sua colheita e de suas posses (5,3-5; 15,20-34; 18,5-21). É o ideal patriarcal.

Só que agora há um agravante. Eles são homens que sabem como Deus é. Sabem como Deus age. Sabem o que Deus quer e o que Deus faz. São homens cheios das certezas de Deus. Não têm dúvidas ou incertezas. Não têm medos.

Talvez por isso não há neles o menor sinal de sensibilidade e de solidariedade. Não vêem o corpo de Jó. Não vêem suas feridas, seu sofrimento, suas lágrimas e seu grito de injustiçado. Vêem somente um homem pecador que se recusa a aceitar que pecou e a conformar-se com sua situação. Jó não crê ser merecedor dos sofrimentos pelos quais está passando. Não aceita que o que está acontecendo com ele seja algo justo, seja a justiça de Deus. Antes ao contrário, se estes sofrimentos vêm de Deus, Deus está sendo injusto, está errado. Jó está a ponto de perder a esperança: “É por isso que digo: é a mesma coisa! Ele extermina o íntegro e o ímpio” (9,22). Mas mesmo assim decide-se enfrentar a Deus num tribunal: “Eu quero acusar a Shaddai, desejo discutir com Deus” (13,3). “Porei minha carne entre meus dentes, levarei nas mãos a minha vida. Ele pode me matar: mas não tenho outra esperança senão defender diante dele o meu caminho”

(13,14-15). “Eis que procederei com justiça, e sei que sou inocente” (13,18). E segue dizendo: “Oxalá soubesse como encontrá-lo, como chegar à sua morada. Exporia diante dele a minha causa, com minha boca cheia de argumentos. Gostaria de saber com que palavras iria me responder e ouvir o que teria para dizer. Usaria ele de violência ao pleitear comigo? Não, bastaria que me desse atenção. Ele reconheceria em seu adversário um homem reto, e eu faria triunfar minha causa para sempre” (23,3-7). Firmemente decidido, Jó afirma: “Enquanto em mim houver um sopro de vida e o alento de Deus nas narinas, meus lábios não dirão falsidades, nem minha língua pronunciará mentiras! Longe de mim dar-vos razão! Até o último alento mantereí minha inocência, fico firme em minha justiça e não a deixo; a consciência não me envergonha por meus dias. Tenha o meu inimigo a sorte do ímpio e meu adversário a do injusto” (27,3-7)!

Seus acusadores no entanto não escutam suas palavras. Não se sensibilizam com seu grito. Não aceitam a argumentação de Jó. Eles são homens empedernidos. Homens da tradição. Homens dos costumes. Homens das instituições. Não querem relações. Suas certezas lhes bastam. Relações implicam em abertura, em questionamentos, mudanças, desconforto, desarrumação. Jó lhes pede: “Por favor, escutai os meus argumentos, atendei às razões de meus lábios” (13,6.17; 6,26; 21,2; 31,35). Não querem escutar. Jó pede que olhem para ele: “Agora, olhai-me atentamente: juro não mentir diante de vós” (6,28). “Olhai para mim e empalidecei, ponde a mão sobre a vossa boca” (21,5). Não querem olhar para o outro. Vêem somente o que têm em suas cabeças. Ver o outro implica em olhar para si mesmo, significa deixar-se ver, mostrar o seu ser, revelar seus valores. Ver outras pessoas com outros valores leva à necessidade de rever seus próprios valores, revisitar suas certezas. Ser habitado por algum grau de incerteza, de medo. Não. Vêem o Deus da retribuição mas não vêem a pessoa que está a sua frente. Vêem só o que querem ver. Jó pede socorro: “Grito: ‘violência!’ e ninguém me responde, peço socorro e ninguém em defende (19,7); clamo: piedade, piedade de mim, amigos meus” (19,21), mas nada disso os comove, nada disso os demove. Eles são esse tipo de homem.

O próprio Jó não escapa muito do modelo patriarcal. Seus referenciais também são riqueza, descendência, posses, vitalidade, força procriadora (21,7-11), a honra, o respeito e o poder de um sábio chefe tribal (29,1-20). Até com muitos problemas inerentes à sua época, como deixa transparecer no seguinte versículo: “Se meu coração se deixou seduzir por mulher e estive à espreita à porta do vizinho, que minha mulher gire a mó para outrem e outros se debrucem sobre ela” (31,9). Mas apesar disso Jó expõe suas dores, suas feridas e frustrações, pede socorro, clama por piedade, chora (3,24). Jó sente a solidão e pede apoio: “ele afastou de mim os meus irmãos, os meus parentes procuram evitar-me. Abandonaram-me vizinhos e conhecidos, esqueceram-me os hóspedes de minha casa. Minhas servas consideram-me um intruso, a seu ver sou um estranho. Chamo a meu servo e ele não me responde, devo até suplicar-lhe. À minha mulher repugna meu hálito, e meu mau cheiro a meus próprios filhos. Até as crianças me desprezam e insultam se procuro levantar-me. Todos os meus amigos íntimos me têm-me aversão, meus amigos voltam-se contra mim” (19,13-19).

Jó fala com o seu corpo. Em todas as suas intervenções ele fala de seu corpo e com seu corpo. E pede piedade (19,21). Jó sente o abandono. Sente a necessidade das outras pessoas. Mais que isso talvez. Jó pensa o seu ser dentro de um quadro não egocêntrico. Pensa-se dentro de um quadro de relações. Relações de justiça e solidariedade. Belos trechos do livro demonstram isso: “Os ímpios mudam as fronteiras, roubam o rebanho e pastor. Apoderam-se do jumento do órfão e tomam como penhor o boi da viúva. Empurram os indigentes para fora do caminho, e os pobres da terra se escondem todos. Como onagros do deserto, eles saem para o trabalho procurando desde a aurora uma presa e, de tarde, o pão para os seus filhos. Ceifam no campo dos malvados e rebuscam a vinha do ímpio. Andam nus por falta de roupa, famintos carregam os feixes. Em pleno meio-dia ficam entre duas muretas; e, sedentos, pisam os lagares. Nus passam a noite, sem roupa e sem coberta contra o frio. Ensopados pelas chuvas das montanhas, sem abrigo comprimem-se contra o rochedo. O órfão é arrancado do seio materno e a criança do pobre é penhorada. Da cidade sobem os gemidos dos moribundos e, suspirando, os feridos pedem socorro e Deus não ouve a sua súplica” (24,2-12). Jó conhece a vida dessas pessoas: “Se não é assim, quem me desmentirá” (24,25)? Seu grito certamente nasceu entre eles.

É muito clara e muito forte a relação de solidariedade que transparece entre Jó e os pobres (19,12-17; 30,24-25; 31,4-23). É uma relação de solidariedade, que em certos aspectos surpreende e supera as limitações do mundo patriarcal: “Se deneguei seu direito ao escravo ou à escrava quando pleiteavam comigo, que farei quando Deus se levantar? Que lhe responderei quando me interrogar? Quem me fez a mim no ventre não o fez também a ele? Quem nos formou a ambos não é um só” (31,13-15)? Aqui há uma noção de ser homem, de ser pessoa baseada na solidariedade: somos um, fomos todos e todas feitas por um mesmo Deus. Mas a resposta de Deus aos questionamentos de Jó nos reserva surpresas.

Javé é maior que a moldura e maior que o quadro¹

É claro que os questionamentos colocados por Jó não priorizavam a questão das masculinidades. Mas seguiremos aqui lendo o livro nessa perspectiva, abordando agora a resposta de Javé ao pleito colocado por Jó. A primeira vista a resposta, em dois discursos, 38,1–40,1 e 40,6–41,26, parece seguir a linha dos discursos dos “amigos” de Jó: Nada fala do sofrimento humano causado pela exploração e pela injustiça. Parece desviar do assunto, fugir da pergunta. Javé começa perguntando: “Quem é esse que obscurece o meu projeto” (38,2)? Portanto a resposta é um convite para refletir e entender mais claramente o projeto de Javé. Dentro do estilo da sabedoria popular a resposta é dada com perguntas: “Esteja pronto: vou interrogá-lo e você me responderá” (38,3). Levanta a questão e deixa a resposta em aberto. Como faz também Jesus com as parábolas.

1. Nesta parte usei bastante das conclusões apresentadas por: Luiz José DIETRICH, *O grito de Jó*, São Paulo, Paulinas, 1996, p. 90-102.

No primeiro discurso, 38,1–40,1, ao invés de falar da injustiça e do sofrimento, temas colocados por Jó, Javé vai levar Jó a refletir sobre a criação. Fala da criação de todos os elementos necessários para a Vida. Vai fazer uma longa série de perguntas a respeito dos mistérios da criação da terra (38,4-7), do mar (38,8-11), do amanhecer e do entardecer (38,12-15), do sol, das chuvas, da neve, das tempestades (38,16-30), da luz, das estrelas e constelações (38,31-35), do parto, da alimentação dos filhotes, da força, da coragem, da liberdade e dos instintos indomáveis de vários animais (38,36–39,29).

Fala de todos os elementos que compõem a grande sinfonia da vida. Mesmo daquilo que parece inútil e sem sentido, como “a chuva que cai em lugares desolados” (38,26-27), de como é saciada a fome dos leõezinhos e dos filhotes do corvo. Fala também de seu prazer em ter criado uma série de animais considerados impuros: íbis, corvo, avestruz, falcão, águia (Lv 11). Com isso podemos vislumbrar qual a ligação entre todas estas coisas: Todos fazem parte da grande cadeia da reprodução e da sustentação da vida no universo, e que o grande princípio de tudo não é a retribuição e sim a gratuidade do amor de Deus. A resposta que parecia uma fuga do desafio colocado por Jó vai ganhando outro brilho, apontando para algo muito maior do que o esperado. As relações escapam da estreita moldura humanocêntrica. Não só somos um ou uma com as outras pessoas mas também somos parte de uma teia muito maior, que nos coloca em relação com todas as outras formas de vida e com todos os elementos que sustentam a vida.

Javé chama a atenção para a sua ação na base da vida. As perguntas feitas: onde você estava...? quando...? quem fez...? revelam a presença de Javé no grande movimento criador e sustentador da Vida. Jó não estava lá, nem sabe – nem mesmo nós sabemos hoje o quando e o como de muitas dessas coisas – mas Deus estava e está neste grande movimento. Na criação Javé introduziu no caos o dinamismo da Vida. Ele é o responsável pelo movimento que gera e sustenta a Vida. Criar a Vida, partilhar a sua vida e a sua liberdade, foi partilhar do seu próprio ser conosco. Foi um grande ato de amor. É na vitória da Vida contra o caos, na geração, na sustentação e na perpetuação da Vida que está o projeto de Deus. A Vida é o grande projeto de Javé. E a questão da justiça, da solidariedade e de todas as nossas relações deve ser pensada dentro desse referencial.

Dentro do marco da geração e da renovação gratuita da Vida, dentro de um projeto de Vida boa para todos, a questão das relações, sejam as relações sociais sejam as relações de gênero, alcança sua radicalidade máxima. Mesmo no protesto de Jó continuamos dentro do campo definido pelo Templo e, em último caso, pelo patriarcalismo. A resposta de Javé, revelando a Vida como seu grande projeto abre uma brecha para sair destes limites. Ali podemos pensar as relações, nosso ser feminino e nosso ser masculino dentro do grande movimento de geração e desenvolvimento da vida.

Nosso parâmetro não deve ser um Deus que dirige uma agência de distribuição de prêmios e castigos, distribuindo riqueza para uns e pobreza e calamidades para outros, felicidade para uns e sofrimentos para outros, como afirma a teologia da retribuição. Numa dimensão muito mais ampla e profunda, Jó é levado a conhecer outro rosto de Deus: Amor, gratuidade e vida. E assim entender a questão da justiça e da injustiça

de uma forma bem mais abrangente. Depois de perceber isto Jó vai dizer: “Eu me sinto arrasado. O que posso replicar? Vou tapar a boca com a mão. Falei uma vez e não insis-tirei; falei duas vezes e não vou acrescentar mais nada” (40,4-5).

Só uma compreensão das masculinidades enquanto parte de uma teia de vida bem mais ampla que simplesmente as relações sexistas, sociais ou mesmo humanas, pode nos dar a noção de complementariedade, de diversidade de que necessitamos para nos libertar dos estereótipos dominados por relações de submissão, força e poder. Na resposta de Deus podemos entender a definição de nossas maneiras de ser homem ou mulher como uma busca em comunidade por uma vida melhor, com boa qualidade e dentro da mais ampla liberdade, para todos. Definições que permaneçam dentro do campo estrito do antropocentrismo ou mesmo do humanocentrismo não garantem a continuidade da vida. Vida com boa qualidade é muito mais que relações sem injustiças. Ao mesmo tempo em que lutamos para estabelecer relações mais justas, com nossos próprios corpos, nosso jeito de ser, e entre nós, também devemos nos mobilizar para termos alimentos sem venenos, o ar, os rios, os mares despoluídos, para que os mangues e as florestas sejam respeitadas, para que a terra receba tratamento adequado e não seja transformada em um imenso deserto, para que a camada de ozônio não seja destruída, e lutar para que as nossas cidades tenham mais saúde e calor humano e menos injustiças, concreto e asfalto. Nossos corpos, com todos esses outros corpos formam um único e grande corpo vivo.

O ser humano, mulher e homem, é apenas uma parte, uma porção do universo. Não é rei ou rainha da criação, é parte dela. A vida nasceu antes de nós e pode seguir adiante sem nós. O antropocentrismo ou o humanocentrismo leva a pensar que todas as coisas foram feitas para estar a serviço da humanidade, e que só é importante aquilo que nos é útil. Leva a uma relação utilitarista com a natureza, com as outras pessoas e até mesmo com Deus. Hoje com o neoliberalismo o utilitarismo foi elevado à categoria de lei mundial. Podemos ver as conseqüências dessa miopia não só na destruição do meio ambiente, na extinção de milhares de espécies animais e vegetais, mas também na ideologia que justifica a exclusão e o desinteresse pelo futuro de milhões de pessoas que não dão lucro, que não são úteis para o fortalecimento e a reprodução do mercado, e que em decorrência desse padrão impõe modelos de ser homem e ser mulher, que oprimem e diminuem a ambos, afastando-os da vida em plenitude.

A segunda parte da resposta de Javé vem com mais uma série de perguntas (40,6–41,26). Jó é convidado a sair do mundo das certezas inabaláveis e das explicações simplistas e penetrar um pouco mais a fundo no mistério de Deus que é o mistério da vida. “Se você é homem, esteja pronto: vou interrogá-lo, e você me responderá. Você se atreve a anular minha justiça e condenar-me, para justificar a si mesmo? Você tem braço como o braço de Deus? Sua voz troveja como a voz de Deus? Então revista-se de majestade e grandeza, e cubra-se de esplendor e glória! Derrame o ardor de sua ira e, com um olhar só, rebaixe todos os orgulhosos. Humilhe com seu olhar o arrogante, e esmague os injustos onde quer que se encontrem. Enterre-os todos juntos no pó, e amarre-os todos juntos na prisão. Então também eu louvarei a você, porque conseguiu a vitória com sua própria mão direita” (40, 6-14). Jó deve abandonar definitiva-

mente uma fé que pretende conhecer de antemão todas as ações de Deus. Quem tem certeza que sabe tudo o que Deus vai fazer, que decide quem recebe ou não os favores de Deus, acaba colocando-se no lugar de Deus. Um Deus totalmente previsível é um Deus prisioneiro. E um homem que é “dono” do saber de Deus é um homem muito duro, frio e sem solidariedade.

Em seu segundo discurso Javé falará de duas poderosas criaturas, que somente ele pode controlar: do *Beemot*, uma figura mitológica talvez inspirada no hipopótamo (40,15-32), e da força do *Leviatã*, um enorme dragão da mitologia (41,1-26). O *Beemot* e o *Leviatã* personificam o espírito contrário ao Espírito criador do Deus da Vida. Simbolizam as forças do caos e da não-vida. As forças que Deus precisou controlar e/ou integrar para poder realizar a grande obra da criação. São as forças que ameaçam a continuidade da Vida. Elas estão presentes no processo que define nossos jeitos de ser homem ou mulher.

A existência da Vida é apresentada como um sinal visível, um sacramento, da vitória de Deus sobre o *Beemot* e o *Leviatã*. O poder de Deus se manifesta no dinamismo da vida, que sempre procura caminhos para se fortalecer e seguir adiante. Apesar de tudo, o sopro de Vida, colocado por Deus dentro da natureza, constantemente gera, sustenta e renova a Vida.

Javé quer que seu projeto se estabeleça na terra. Mas, por respeito à sua criação, Ele não pode simplesmente impor seu projeto. Seu poder tem um limite: a liberdade humana. O poderoso Deus da Vida é também um Deus fraco e débil. O mistério da liberdade de Deus leva ao mistério e ao respeito pela liberdade humana. A nossa opção pode facilitar ou dificultar o projeto de Deus: “Veja: hoje eu estou colocando diante de vocês a vida e a felicidade, a morte e a desgraça...Escolha portanto a vida, para que você e seus descendentes possam viver, amando a Javé seu Deus, obedecendo-lhe e apegando-se a ele, porque ele é a sua vida e o prolongamento de seus dias” (Dt 30, 15-20). A existência de ricos, pobres, sexismos, racismos, dominadores, marginalizados, sofredores, excluídos, de natureza devastada e poluída, indica que nossas opções nem sempre são orientadas pelo Deus da Vida.

A ação e a presença de Deus se estendem para história humana quando nós procuramos reproduzir, fortalecer sua ação geradora e sustentadora da Vida através de nossas relações e nossos corpos. Encontrar e conhecer a Javé é beber do poço da Vida, jogar-se neste mistério, meter-se neste movimento, dar espaço para ele, concretizar o desenvolvimento da Vida abundante em nosso ser, em nossos corpos, em nossas relações e em nossas cidades.

Luiz José Dietrich
Caixa Postal 5150
88040-970 Florianópolis, SC